

PERCEPÇÃO DO RELACIONAMENTO ENTRE IDOSOS E ADULTOS JOVENS DA MESMA FAMÍLIA: DISTANCIAMENTO OU APROXIMAÇÃO?

Cirlene Francisca Sales da Silva¹
Cristina Maria de Souza Brito Dias²
Erideise Gurgel da Costa³
Daniely da Silva Dias Vilela⁴

RESUMO

Com o maior alcance da longevidade torna-se essencial o estudo do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens. O presente trabalho teve como objetivo geral compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas, utilizando-se o grupo focal como instrumento de expressão. Especificamente, pretendeu-se avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal e descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens. Participaram sete idosos(as) com idades entre 62 e 69 anos, e cinco adultos jovens com idades entre 22 e 28 anos, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos(as), três avós, três tios(as) e uma mãe. Para a coleta de dados foram utilizados dois instrumentos: questionário sociodemográfico e o grupo focal. Os resultados foram avaliados por meio da Técnica de Análise de Conteúdo Temática e demonstraram que: a) quanto aos sentimentos experimentados por estarem juntos no grupo, predominaram felicidade, prazer, satisfação, gratidão, aprendizagem e experiência; b) acerca da percepção do relacionamento intergeracional entre as duas gerações, prevaleceu a visão de distanciamento.

Palavras-chave: Relação entre gerações, Família; Idoso, Adulto jovem, Grupo focal.

INTRODUÇÃO

O relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens é um campo fértil de estudos, sobretudo em um momento que a população idosa tem alcançado índices nunca antes vistos na história da humanidade, principalmente nos países emergentes, entre eles o Brasil, que, em 2025, será o sexto país no mundo em número de idosos (CAMARANO, 2004; OMS, 2015; ONU, 2017). O envelhecimento da população brasileira tem resultado em famílias com até quatro ou mais gerações (VICENTE; SOUZA, 2012). Por sua vez, a longevidade vem

¹Profª Drª em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cirlene.silva@unicap.br;

²Orientadora Profª Drª em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, cristina.msbd@gmail.com;

³Profª Drª em Otorrinolaringologia - Universidade Católica de Pernambuco, erideise.costa@unicap.br;

⁴Mestranda em Psicologia Clínica - Universidade Católica de Pernambuco, danielydiasvilela@gmail.com.

Este estudo faz parte da tese de doutorado da primeira autora. A pesquisa foi financiada pela CAPES.

promovendo alterações substanciais em múltiplas dimensões da vida e, particularmente, nas relações familiares e extrafamiliares (D’ALENCAR, 2012).

Por conseguinte, decorrentes desse crescimento populacional, e do modo contemporâneo de viver, têm surgido muitas demandas, dentre elas a solidão, o isolamento e a depressão que tem acometido muitos idosos e jovens, e que os leva a se sentirem indefesos e vulneráveis, podendo ser fonte para o número significativo de suicídios nessas duas faixas etárias (HAN, 2017; ZAPATA LÓPES, 2015). De outro modo, aponta-se que também, o distanciamento entre as gerações, fruto desse modo de viver, pode originar o isolamento social e possível depressão nas pessoas idosas e também nos jovens. O que provoca grande preocupação, diante de dados epidemiológicos que mostram que a depressão será a primeira causa de incapacitação nos idosos, nos países emergentes, e a segunda, nos países desenvolvidos, no ano de 2020 (FRANK; RODRIGUES, 2016; MINAYO, 2018; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007). Além disso, estudos internacionais e nacionais pontuam que os idosos que vivem sozinhos podem apresentar mais depressão (MCKINNON; HARPER; MOORE, 2013). Por outro lado, a proximidade de familiares e amigos protege os idosos e os jovens contra esse mal-estar subjetivo (TIEDT; SAITO; CRIMMINS, 2016).

Face ao exposto, esta pesquisa teve como objetivo geral compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas. Especificamente, pretendeu-se: 1) Avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal; 2) Descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens.

METODOLOGIA

O método qualitativo foi o selecionado para realizar a pesquisa. Ele responde a questões muito particulares uma vez que trabalha com “o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (DESLANDES; GOMES; MINAYO, 2008, p. 21).

Participantes

Foram convidados 12 idosos e 12 adultos jovens, que tinham relação de parentesco, considerando-se a família nuclear, a extensa e a abrangente (que inclui pessoas que não são parentes, mas que mantêm vínculos afetivos) (OSÓRIO, 2013). Não foram controladas as

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

variáveis: sexo, camada social, religião, estado civil, profissão e escolaridade. No entanto, no que se refere aos idosos, foram observadas suas condições cognitivas para participarem do grupo. Devido a situações adversas (tempo, trabalho, enfermidade, surgimento de outro compromisso, entre outras) somente 12 fizeram parte da pesquisa, sendo eles três netos (as), dois sobrinhos (as), três avós, três tios (as) e uma mãe. Foram utilizados nomes fictícios para preservação de suas identidades. No caso das duplas participantes, elas foram identificadas pela mesma letra do alfabeto. O perfil sociodemográfico dos participantes está apresentado no quadro abaixo:

Quadro 1: Dados sociodemográficos dos participantes

DÍADE	NOME	SEXO	IDADE	GRAU DE PARENTESCO	PADRÃO SOCIAL**	GRAU ESCOLAR	PROFISSÃO	ESTADO CIVIL
A	ANA	F	67	Avó por afinidade	B1	4º ano do ensino fundamental	Empresária	Viúva
A	*ADALF	M	25	Neto por afinidade	B2	3º grau completo e mestrando - Engenheiro	Empresário e estudante	Casado
C	*CAUAN	M	22	Neto paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
D	DARA	F	62	Avó materna	C1	Ensino médio completo	Do lar – Pensionista	Viúva
E	*ELLEN	F	28	Neta paterna	B2	3º grau completo – Psicóloga	Analista de Recursos Humanos	Solteira
F	*FLORA	F	68	Avó paterna	C1	4º ano do Ensino Fundamental	Do lar - Pensionista	Solteira
G	GILCA	F	69	Tia paterna	B2	3º grau completo Licenciatura em matemática	Aposentada	Solteira
G	*GABY	F	24	Sobrinha paterna	B2	3º grau incompleto	Estudante	Solteira
H	*HERON	M	67	Tio paterno	B2	5º ano do Ensino Fundamental	Motorista – Aposentado	Casado
H	HIAN	M	23	Sobrinho paterno	B1	3º grau incompleto	Estudante	Solteiro
I	*IRIS	F	67	Tia materna	B2	Ensino médio completo	Do lar - Pensionista	Casada
J	*JANE	F	66	Mãe	B2	Ensino médio completo	Do lar – Aposentada	Casada

*O sinal asterisco identifica o participante que indicou o outro componente da díade.

Fonte: Elaboração própria

**Classificação Socioeconômica / Estrato Socioeconômico / Padrão Social: Renda média domiciliar A R\$ 23.345,11 - B1 R\$ 10.386,52 - B2 R\$ 5.363,19 - C1 R\$ 2.965,69 - C2 R\$ 1.691,44 - D-E R\$ 708,19, segundo dados do Critério de Classificação Econômica Brasil (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA, 2018).

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: para o idoso e o adulto jovem, composto de informações sobre os participantes tais como idade, sexo, escolaridade, classe social, estado civil, religião, profissão e grau de parentesco.

Grupo Focal: Segundo Minayo (2014), o Grupo Focal se constitui num tipo de entrevista ou conversa em grupos pequenos e homogêneos. “Visa a obter informações, aprofundando a interação entre os participantes, seja para gerar consenso, seja para explicar divergências” (p. 269). O valor principal dessa técnica fundamenta-se na capacidade humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos (KRUEGER, 1988).

Procedimento de coleta dos dados

Inicialmente, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o número de parecer 1.947.588, em 02 de março de 2017, e então a pesquisadora iniciou a pesquisa de campo, que se estendeu de 03 de março de 2017 a 30 de julho do mesmo ano. Por ser uma amostra por conveniência, os adultos jovens e idosos foram indicados por pessoas do conhecimento da pesquisadora. O convite foi feito aos participantes individualmente. Ao aceitar participar, foi agendado com cada um individualmente o encontro. No dia, hora e local marcado, o participante foi convidado a ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, estando de acordo, assinou-o. Em seguida, responderam, individualmente, ao Questionário sociodemográfico, de forma oral.

Posteriormente, foram convidados a participar também do Grupo Focal, que aconteceu em outro momento, num único encontro. O tempo de duração da sessão foi de uma hora e vinte minutos. Na ocasião, responderam a três perguntas disparadoras que foram elaboradas a partir dos objetivos da pesquisa, elencadas a seguir: 1) Como é para vocês estarem juntos no grupo?; 2) Como vocês percebem a relação entre idosos e adultos jovens?.

A realização do grupo aconteceu em um local adequado para a pesquisa, que era de melhor acesso para todos os participantes, localizado na cidade do Recife/PE. Foi enfatizada a garantia do sigilo das informações. Todos os participantes foram informados da filmagem, gravação de suas falas e da anotação e transcrição dos conteúdos.

Procedimento de análise dos dados

O procedimento de análise adotado na pesquisa foi a *Análise de conteúdo Temática*. Ela nos remete à noção de *tema*, que está ligada a uma afirmação a respeito de determinado assunto. Ela comporta um feixe de relações e pode ser graficamente apresentada através de

(83) 3322.3222

contato@cieh.com.br

www.cieh.com.br

uma palavra, de uma frase, de um resumo. Consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem uma comunicação, cuja *presença* ou *frequência* signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado. Operacionalmente, a análise temática desdobra-se em três fases, ou seja, a 1ª etapa: *pré-análise* (composta de leitura flutuante, constituição do *corpus* e formulação de hipóteses); 2ª etapa: *exploração do material* (consiste em encontrar as categorias de análise) e 3ª etapa: *análise e interpretação do material* (MINAYO, 2014, p. 315-318).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Por meio do grupo focal foi possível elencar dois eixos temáticos, em acordo com os objetivos específicos: 1) Os sentimentos experimentados pela participação no grupo; 2) A percepção sobre as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens:

1. Sentimentos experimentados pelos idosos e adultos jovens na participação do grupo

A maioria dos participantes relatou sentimentos de felicidade, alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão por estar no grupo, como também por conhecer novas pessoas.

Observa-se um sentimento de bem-estar proporcionado pelo encontro no grupo focal, tendo sido mobilizado pelos afetos de alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão por estar com o parente que nomeou como o de maior proximidade e por conhecer novas pessoas. Essas pontuações estão de acordo com o que Kind (2004) afirma de que o grupo focal é um instrumento facilitador do estreitamento das relações, apesar de ter acontecido um único encontro. Dessa forma, acredita-se que ele reforça ainda mais os laços existentes, uma vez que o critério de escolha por parte dos participantes recaiu sobre o familiar com quem tinham mais proximidade.

Mendizábel e Carbonero (2004) ressaltam que dentre os benefícios proporcionados por esse instrumento de coleta de dados, está o favorecimento de sentimentos positivos, como os que foram elencados nas falas dos participantes. Por sua vez, Silva e Junqueira (2013) destacam que as relações entre as gerações podem ser otimizadas através dessa intervenção, pois são cenários de reconhecimento do outro como singular. A esse respeito, Rizzolli e Surdi

(2010) afirmam que encontros em grupo focal contribuem para melhorias e mudanças na vida dos idosos, tais como na saúde, autoestima e valorização. Os autores mencionados pontuam ainda que a participação nos grupos é de suma importância na busca de se obter melhor qualidade de vida.

Encontros intergeracionais beneficiam ambas as gerações, pois proporcionam aos participantes efeitos muito positivos, tais como o bem-estar psicológico, físico e social do idoso, como também do adulto jovem (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010; SÁNCHEZ; TORRANO, 2013). Vale destacar o relacionamento intergeracional entre Adalf (neto) e Ana (avó), como sendo um parentesco construído por afinidade, que se traduz em afeto, amor e acolhimento. Essa situação corrobora com o que propõe Osório (2013), configurando-se como a família *abrangente*, que inclui os não parentes, que são unidos por afinidade.

A esse respeito, D’Alencar (2012) afirma que o envelhecimento da população vem promovendo alterações substanciais nas relações familiares e extrafamiliares, por vezes, fazendo com que os idosos reelaborem essas relações sob novas bases e avancem na construção e diversificação de novos laços e solidariedades, projetando para outros espaços aquilo que entendem como perdido: ausência de familiares, carinho, afeto, atenção e respeito. Desse modo, muitos extrapolam a família consanguínea, o que nos parece benéfico para tamponar a possível falta do necessário suporte social por parte desse tipo de família.

Também se destacaram as respostas aprendizagem e experiência mútua, oportunizadas pelo encontro no grupo focal um sentimento de gratidão pela oportunidade de troca de conhecimentos, experiências, e aprendizagens mútuas proporcionados pelo encontro no grupo focal. Tais achados corroboram a afirmação de Ferrigno (2010) e Côte e Ferrigno (2016), que pontuam a cooperação e a troca de experiências como um grande benefício desse encontro. Salientam os autores mencionados que os idosos ensinam aos jovens, e os jovens aos idosos. Nesse sentido, Ferrigno (2005, 2010) e Azambuja e Rabinovich (2017) pontuam que, considerando-se essas possibilidades, pode-se falar em “coeducação de gerações”, afirmando ser essa uma das metas a serem alcançadas nas experiências de aproximação intergeracional.

Em consonância com os referidos autores, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) e Coutrim (2017), afirmam que esse encontro se alicerça em processos recíprocos de orientação, influência, intercâmbio e aprendizagem entre indivíduos de diferentes gerações, pois há um compartilhamento de vivências, saberes, sentimentos e experiências que são mutuamente enriquecedoras.

Nesse sentido, França, Silva e Barreto (2010) reforçam que o Brasil precisa intensificar encontros intergeracionais, pois se configuram como uma modalidade para prevenir os preconceitos quanto ao envelhecimento e possíveis conflitos intergeracionais. Ressaltam ainda que essas intervenções contribuem para a desconstrução do *ageísmo*, o que também é compartilhado por Dias (2015) e por Moral Jiménez (2017) ao afirmarem que esses encontros promovem o envelhecimento ativo e a superação, desconstruindo o paradigma da velhice apenas marcada por decadência e perda.

Ferreira, Massi *et al.* (2015) corroboram com os autores supracitados, ao destacarem que esse encontro contribui para o jovem perceber a velhice de forma mais positiva, e os idosos reconhecerem que podem ampliar seus conhecimentos e perspectivas acerca da sociedade em que estão inseridos, como também desmistificar preconceitos com relação aos jovens. Por sua vez, Mendizábal e Cabornero (2004) acrescentam que são inúmeros os benefícios advindos da participação neste tipo de proposta de intervenção, entre os quais estão as trocas sociais, experiências, dificuldades e aprendizagens.

2. Percepção das características do relacionamento entre idosos e adultos jovens

A maior parte dos participantes revelou ter uma percepção de distanciamento ocasionado por alguns fatores, entre os quais se destacaram, principalmente: o desprezo, o abandono e o preconceito; a falta de tempo do adulto jovem e as novas tecnologias.

Quanto ao *desprezo, abandono e preconceito*, sofridos pelos idosos e retratados nas falas acima, Silva e Dias (2016) afirmam que esse cenário é real, e conforme pontuam Sanches, Lebrão e Duarte (2008), está alicerçado na construção sócio-histórica e cultural do que significa ser velho. O que, segundo Souza, Freitas e Queiroz (2007), é um problema universal. Em outras palavras, trata-se do idadismo, que compreende as avaliações negativas; a utilização de estereótipos que se referem às crenças e aos comportamentos de discriminação e exclusão (BUTLER, 1969). Eles têm como alvo as pessoas idosas, referindo-se a avaliações negativas feitas sobre os idosos, as quais têm como base essencialmente a idade que os indivíduos têm (COUTO; MARQUES, 2016).

Nesse sentido, já em 1990, Beauvoir denunciou como a sociedade se recusava a enfrentar o fenômeno do envelhecimento, negando a velhice com práticas de abandono e desrespeito aos idosos e não valorizando os papéis sociais que antes eram atribuídos à pessoa idosa.

Ressaltava a autora mencionada que havia um descaso da sociedade em relação à velhice, o que fazia emergir uma “conspiração do silêncio”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Vieira e Lima (2015, p. 952) afirmam que “a sociedade brasileira atribuí aos idosos características negativas tais como: inúteis, incapazes, estorvos, frágeis, doentes, improdutivos, dependentes, chatos, inaptos, sem valor e que representam um gasto”, e, assim, os exclui e os desrespeita. Desse modo, trata-se de uma violência calada, invisível e invisibilizada pelos pactos do silêncio, sobretudo nas famílias, até porque a vítima teme represálias, ou até mesmo o abandono (FALEIROS; BRITO, 2009). A esse fenômeno, Faleiros (2007, p. 35) denominou como “Conluio do silêncio”.

Entretanto, a família e o Estado têm o dever de assegurar ao idoso todos os direitos da cidadania, garantindo sua participação na comunidade e defendendo sua dignidade, bem-estar e direito à vida (PNI - POLÍTICA NACIONAL DO IDOSO, LEI 8842/1994). Contudo, percebe-se que, na prática, não existe a efetivação da lei proposta, o que representa um paradoxo.

Portanto, no relacionamento entre idosos e adultos jovens da mesma família, isso se torna ainda mais complexo, pois a família, que deveria cumprir com o dever de cuidar e proteger, por vezes, agride uma pessoa idosa que já está mais vulnerável e necessitada de acolhimento. Não obstante, também no espaço público, a situação se repete (FALEIROS, 2013). Por isso, é necessário que intervenções sejam protagonizadas no afã de minimizar esse mal que assola os idosos e é motivo de grande sofrimento. Um exemplo são as intervenções psicoeducativas (SILVA; DIAS, 2016).

Carvalho (2012) reforça o que foi dito acima pontuando que a sociedade atual tende a excluir os idosos e eles acabam segregados e se fecham para o contato com outras gerações, fato que contribui para o isolamento social e o esvaziamento das relações intergeracionais. Em contrapartida, ao estimular atividades intergeracionais, os idosos e as outras gerações transformam seus conceitos em relação ao velho e à velhice, promovendo a inclusão do idoso na família e na comunidade:

Em relação a *Falta de tempo por parte do adulto jovem*: A falta de tempo dos adultos jovens foi apontada como um dos fatores importantes para o distanciamento entre eles e os idosos. A esse respeito, estudiosos do desenvolvimento humano (BERTHOUD; BERGAMI, 2010; PAPALIA; FELDMAN, 2013; PILETTI; ROSSATO; ROSSATO, 2017), entendem que esse momento na vida dos adultos jovens é aquele em que eles estão envolvidos em um

complexo de atividades que irão fomentar a base de seu futuro e, por essa razão, uma maior aproximação com os idosos fica prejudicada.

Especificamente, Berthoud e Bergami (2010) analisaram esse momento do curso de vida do adulto jovem como a Fase de Aquisição. Na perspectiva das autoras, esta fase inclui a escolha do parceiro, a formação de um novo casal, a chegada do primeiro filho (que transforma o jovem casal em nova família) e a vida com os filhos pequenos. Segundo as autoras mencionadas, é a fase de adquirir, em todos os sentidos: material, emocional e psicológico. Elas acrescentam que é esse o momento no qual os indivíduos estão bastante envolvidos no complexo movimento de dar e receber; conquistar e ceder; ser e vir a ser. Reforçam ainda que as transições necessárias para a adaptação a essa nova fase da vida familiar exigem maturidade e demandam tempo.

Papalia e Feldman (2013) corroboram com as autoras supracitadas, ao afirmarem ser nessa fase que os seres humanos constroem a base para grande parte de seu posterior desenvolvimento. Elas salientam que esse é o período em que a maioria das pessoas costumam sair da casa dos pais, iniciar sua vida profissional, casar-se ou formar outros relacionamentos íntimos, ter e criar filhos e começar a contribuir significativamente para suas comunidades. Destacam, ainda, que os adultos jovens que estão construindo carreiras e talvez cuidando de bebês têm tempo limitado para passar com amigos e familiares. Ressaltam que o número de amigos e a quantidade de tempo passado com eles geralmente diminuem no decorrer do período do ciclo vital do adulto jovem. Contudo, as amizades são importantes para eles. As autoras enfatizam que pessoas que têm amigos tendem a sentir uma sensação de bem-estar e que as amizades nessa fase tendem a centrar-se nas atividades de trabalho e da parentalidade, bem como na troca de confidências e conselhos.

Vale salientar que a amostra do presente estudo foi composta praticamente por idosos aposentados e pensionistas, que têm mais tempo livre para dedicar às relações sociais, e por adultos jovens emergentes, na Fase de Aquisição, que têm menos tempo. Na ocasião, todos os participantes adultos jovens estavam envolvidos com suas tarefas desenvolvimentais, que são necessárias para fomentar a base do futuro (BERTHOUD; BERGAMI, 2010; PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Diante do exposto, a partir das reflexões de Han (2017), entende-se que o modo de viver contemporâneo, reforça a falta de tempo do adulto jovem. Esse tempo, que já é diminuído pela fase de aquisição. Desse modo, a necessidade de trabalhar e estudar cada vez mais, tem

transformado os adultos jovens em “sujeitos do trabalho, do desempenho”, levando-os à exaustão, em uma sociedade nomeada como “a sociedade do cansaço”. Na qual, os jovens sentem-se cansados e sem tempo, de tal forma que, por vezes, não têm condições de ter um vínculo de mais proximidade com as pessoas idosas. E aí, Han (2017, p.176) infere que a pessoa “está cansada para ti”, cansada para se encontrar mais vezes com o idoso, pelo excesso de atividades que lhes são impostas e então não lhe resta disposição, por vezes, nem para sair de casa.

No tocante as *novas tecnologias*: Alguns participantes afirmaram que as novas tecnologias, a velocidade que elas propõem e o fato de o idoso, em geral, ser mais lento em relação a esse novo tempo têm contribuído para a distância entre idosos e adultos jovens, principalmente da mesma família. Entretanto, essa é uma das características das sociedades atuais, acompanhada pelo individualismo, a dissolução dos laços, a provisoriedade, a solidão e a particularização da vida (BAUMAN, 1998).

Nesse sentido, Oliveira, Villas-Boas e Ramos (2017) pontuam que a rede familiar tem sido bastante afetada pelas mudanças tecnológicas das últimas décadas. As autoras ressaltam que essas modificações têm dificultado a capacidade e o desejo da família em prestar o apoio social necessário aos seus membros, sobretudo aos mais velhos.

Em relação à utilização das novas tecnologias, Doll, Machado e Cachioni (2016, p. 1620), em uma pesquisa realizada no Brasil, constataram que os idosos ainda utilizam pouco o computador e a internet, “somente 14% das pessoas com mais de 60 anos usam o computador, contra 86% na faixa entre 10 e 15 anos”. As autoras salientam a importância de estimular a participação de pessoas idosas no mundo digital, apesar de ser compreensível sua participação minoritária, tendo em vista que o acesso à internet se tornou regular somente quando essas pessoas já eram adultos maduros ou idosos. Por outro lado, ressaltam que é o grupo que mais cresce em relação ao uso de computador.

Torres e Dias (2017, p. 141) corroboram com as autoras mencionadas acima ao afirmarem que “muitos idosos estão cada vez mais ativos e interessados nas mais variadas formas de tecnologias, demonstrando plasticidade cerebral e capacidade constante de aprendizado”. Elas destacam que netos e avós estão cada vez mais conectados e que os laços afetivos estabelecidos entre eles têm ganhado força na era digital. Nesse sentido, reforçam que, por mais que essas gerações estejam distantes geograficamente, existe a possibilidade de

comunicação por meio do *ciberespaço* que surge como uma estratégia para amenizar a dor e a saudade ocasionadas pela distância.

Contudo, existem idosos que não têm condições econômicas ou cognitivas, e mesmo desejo, para se comunicar via *online*. Para essas situações, de fato, as novas tecnologias podem promover um distanciamento entre essas gerações. Entretanto, conforme pontuam Torres e Dias (2017), a tecnologia/internet, possibilita o protagonismo de idosos à medida que eles podem reescrever um novo capítulo de suas vidas no século XXI.

Todavia, alguns idosos preferem viver com o mínimo de uso de tecnologias, utilizando apenas aquelas que são indispensáveis como o telefone celular (mais para fazer ligações do que mesmo usar o WhatsApp), a máquina de lavar, o micro-ondas, descartando tecnologias como, por exemplo, computador, *smartphone*, *tablet*, *notbook*, GPS, entre outros. Assim sendo, “não se deve generalizar ao dizer que é necessário que todos os idosos estejam incluídos digitalmente, uma vez que nem todos o desejam, e respeitar a decisão deles é essencial” (DOLL; MACHADO; CACHIONI, 2016, P. 1620).

Nesse sentido, para esses idosos, visando à aproximação intergeracional, cabe estimulá-los à participação nos programas intergeracionais para que eles não sejam marginalizados, utilizando-se, inclusive, de encontros intergeracionais onde os jovens possam ensinar as novas tecnologias aos idosos. A esse respeito, Pires (2013) realizou uma intervenção com jovens alunos de informática e idosos parentes deles, e obteve um bom resultado em relação aos idosos, que aprenderam a utilizar as novas tecnologias, tendo sido ensinados pelos estudantes. A autora mencionada pontua que é preciso os jovens buscarem superar o preconceito, no sentido de compreenderem as limitações dos idosos (ser mais lento) e ajudá-los a se inserir no mundo tecnológico.

Os estereótipos desfavorecem grande parte das pessoas idosas que ficam deprimidas pela perda do prestígio social, magoadas pelo esquecimento familiar, pela perda do papel doméstico e do *status* na sociedade, incluindo sua importância como trabalhador (PIRES, 2013). Desse modo, intervenções por meio de projetos que promovam oficinas nas quais adultos jovens possam ensinar informática às pessoas idosas precisam ser implementados.

Salienta-se que é impressionante como o idoso é descartado, pois, para muitos, a informação consequente da era tecnológica é mais importante que a experiência de vida do idoso. Desse modo, a experiência vivida e o valor da narrativa e das histórias, que constituem a família, dos quais os idosos são depositários, são esquecidos. Porém, as consequências que o esquecimento dos idosos pode trazer são devastadoras, influenciando o desenraizamento da

família, povoando o universo de Jovens e idosos perdidos, imersos na solidão e no vazio, por vezes depressivos, o que pode levar muitos a cometerem o suicídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo objetivou compreender os modos como acontecem as relações entre idosos e adultos jovens da mesma família, a partir de suas próprias perspectivas, utilizando-se o grupo focal como instrumento de expressão. Mais especificamente, avaliar os sentimentos experimentados por eles na participação em um grupo focal e descrever as características do relacionamento intergeracional entre idosos e adultos jovens. Quanto aos sentimentos experimentados pelos idosos e adultos jovens, por estarem juntos no grupo, predominaram felicidade, alegria, prazer, satisfação, amor e gratidão, além de aprendizagem e experiência mútua. Acerca da percepção das características do relacionamento entre idosos e adultos jovens, de forma geral, a maior parte dos participantes revelou ter uma percepção de distanciamento, ocasionado por alguns fatores, entre os quais destacaram-se, principalmente, o desprezo, o abandono e o preconceito; a falta de tempo do adulto jovem e as novas tecnologias. Desse modo, observa-se que de certa forma, existe um distanciamento entre as gerações de adultos jovens e pessoas idosas. Entrementes, este fenômeno reverbera de forma negativa na vida de ambos. Nesse sentido, faz-se importante o aprofundamento de novas pesquisas sobre a temática, no afã de contribuir para a promoção da aproximação entre as gerações.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE PESQUISA - ABEP. **Critério de Classificação Socioeconômica Brasil**. Recuperado de [http:// www.abep.org](http://www.abep.org), 2018.
- AZAMBUJA, R. M. M; RABINOVICH, E. P. **O cuidar dos avós visto pelos netos**. In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade*. Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV. p.157-176, 2017.
- BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.
- BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.
- BERTHOUD, C. M. E.; BERGAMI, N. B. B. **Família em fase de aquisição**. In C. M. O. Cerveny & C. M. E. Berthoud (Orgs.). *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa*. São Paulo, SP/Brasil: Casa do Psicólogo. p. 46-71, 2010.

Brasil. Presidência da República. Casa civil. Subchefia para assuntos jurídicos. *Política Nacional do Idoso – PNI. Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994.* Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm Acesso em: 10/05/2019, (1994).

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. Departamento de atenção básica. *Cadernos de atenção básica: envelhecimento e saúde da pessoa idosa.* N. 19. Distrito Federal, Brasília/Brasil. Recuperado de http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd19.pdf. Acesso em: 10/05/2019, 2007.

BUTLER, R. Age-ism: another form of bigotry. *The Gerontologist*, v.9, p.243-246, 1969.

CAMARANO, A. A. **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60.** Rio de Janeiro, RJ: IPEA, 2004.

CARVALHO, M. C. B. N. M. Relações intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. *Revista Portal de Divulgação*, v.28, n.3, p.83-88. Recuperado de <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/revista/index.php>. Acesso em: 10/05/2019, 2012.

CÔRTE, B.; FERRIGNO, J. C. **Programas Intergeracionais: estímulo à integração do idoso às demais gerações.** In E. V. Freitas & L. PY (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1526-1534). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan, 2016.

COUTO, M. C. P. P.; MARQUES, S. **Atitudes em relação ao envelhecimento: vamos falar sobre o idadismo?** In D.V.S Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 17-32). Campinas, SP/Brasil: Alínea, 2016.

COUtrim, R. M. E. **Idosos e jovens em salas multigeracionais na educação de jovens e adultos.** In L. V. C. Moreira, E. P. Rabinovich & M. N. Ramos (Orgs), *Pais, avós, e relacionamentos intergeracionais na família contemporânea* (pp.451-463). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV, 2017.

D'ALENCAR, R. S. (Re) meaning the solidarity in the old age: beyond consanguineous ties. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences* (UEM), v.34, n.1, p. 9-17, 2012.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIAS, C. M. S. B. **As relações intergeracionais na família: desafios e possibilidades.** In T. Féres-Carneiro (Org.), *Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos* (pp.93-102). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Ed. PUC-Rio – Prospectiva, 2015.

DOLL, J.; MACHADO, L. R.; CACHIONI, M. **O idoso e as novas tecnologias.** In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.1613-1621). Rio de Janeiro, RJ/Brasil: Guanabara Koogan, 2016.

- FALEIROS, V. P. **Violência contra a pessoa idosa: ocorrências, vítimas e agressores.** Brasília, DF: Universa, 2007.
- FALEIROS, V. P. **O mapa da violência contra a pessoa idosa no Distrito Federal.** Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Brasília, DF: MPDFT, 2013.
- FALEIROS, V. P.; BRITO, D. O. **Representações da violência intrafamiliar por idosas e idosos.** In V. P. Faleiros, A. M. L. Loureiro & M. A. Penso (Orgs), *O Conluio do Silêncio: a violência intrafamiliar contra a pessoa idosa.* (pp.2-19). São Paulo, SP/Brasil: Roca, 2009.
- FERREIRA, C. K; MASSI, G. A. A.; GUARINELLO, A. C.; MENDES, J. Encontros Intergeracionais mediados pela linguagem na visão de jovens e idosos. **Revista Puc SP: Distúrbios de Comunicação**, v.27, n.2, p.253-263, 2015. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/20409/16982> Acesso em: 10/05/2019, 2015.
- FERRIGNO, J. C. A coeducação entre gerações: um desafio da longevidade. **Mundo Saúde**, v.29, n.4, p.484-490, 2005.
- FERRIGNO, J. C. **Coeducação entre gerações.** São Paulo, SP: SESC, 2010.
- FRANÇA, L. H. F. P.; SILVA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.13, n.3, p.519-531, 2010.
- FRANK, M. H.; RODRIGUES, N. L. **Depressão, ansiedade, outros transtornos afetivos e suicídio.** In E. V. Freitas & L. PY (Orgs), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp.391-403). Rio de Janeiro/Rio de Janeiro/Brasil: Guanabara Koogan, 2016.
- HAN, B-C. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- KIND, L. Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais. **Psicologia em Revista**, v.10, n.15, p.124-136, 2004.
- KRUEGER, R. A. **Focus Groups: a Practical Guide for Applied Research.** New-Bury Park: Sage, 1988.
- MCKINNON, B.; HARPER, S.;MOORE, S. **The relationship of living arrangements and depressive symptoms among older adults in sub-Saharan Africa.** *BMC Public Health*, 2-9, 2013. Recuperado de <https://bmcpublikealth.biomedcentral.com/track/pdf/10.1186/1471-2458-13-682?site=bmcpublikealth.biomedcentral.com> Acesso em: 10/05/2019.
- MENDIZÁBAL, M. R. L.; CABORNERO, J. A. C. **Grupo de debate para idosos: guia prático para coordenadores dos encontros.** São Paulo, SP: Edições Loyola, 2004.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo, SP: Ed. Hucitec, 2014.

- MINAYO, M. C. S. **O principal fator para o suicídio do idoso é o isolamento, a solidão.** *GEPeSP* entrevista, 2018. Recuperado de <https://gepesp.org/2018/04/o-principal-fator-para-o-sucidio-do-idoso-e-o-isolamento-a-solidao-gepesp-entrevista-cecilia-minayo/uncategorized>. Acesso em: 10/05/2019.
- MORAL JIMÉNEZ, M. V. Programas intergeneracionales y participación social: la integración de los adultos mayores españoles y latinoamericanos en la comunidad. *Universitas Psychologica*, v.16, n.1, p.1-19, 2017.
- OLIVEIRA, A. L.; VILLAS-BOAS, S.; RAMOS, M. N. **Envelhecimento, apoio social e programas intergeracionais: um estudo sobre atividades de voluntariado.** In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.259-269). Curitiba/PR/Brasil: Ed. CRV, 2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE - OMS. Portal Brasil. Relatório mundial de saúde e envelhecimento, 2015. Recuperado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/saude/idosos-serao-um-quinto-do-planeta-em-2050-diz-oms-17649843> Acesso em: 10/05/2019.
- Organização das Nações Unidas - ONU.** *Países dos BRICS terão 940 milhões de idosos até 2050*, 2017. Recuperado de <https://nacoesunidas.org/paises-dos-brics-terao-940-milhoes-de-idosos-ate-2050/> Acesso em: 10/05/2019.
- OSÓRIO, L. C. **Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas.** Porto Alegre, RS: Artmed, 2013.
- PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. (2013). **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre/RS: AMGH.
- PILETTI, N.; ROSSATO, S. M.; ROSSATO, G. **Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo, SP: Contexto, 2017.
- PIRES, L. L. A. Envelhecimento, tecnologias e juventude: caminhos percorridos por alunos de cursos de informática e seus avós. **Estudos Interdisciplinares e Envelhecimento**, v.18, n.2, p.293-309, 2013. Recuperado de <http://www.seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/34181> Acesso em: 10/05/2019.
- RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C., FRANCO, A. F. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia & Sociedade**, v.24, n.1, p.139-149, 2012.
- RABINOVICH, E. P.; FRANCO, A. F.; MOREIRA, L. V. C. Compreensão do significado de família por estudantes universitários baianos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.12, n.1, p.260-273, 2012.
- RIZZOLLI, D.; SURD, A. C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.13, n.2, p.225-233, 2010.
- SANCHES, A. P. R. A.; LEBRÃO, M. L.; DUARTE, Y. A. O. Violência contra idosos: uma questão nova? **Revista Saúde e Sociedade**, v.17, n.3, p.90-100, 2008. Disponível em: http://www.observatorionacionaldoidoso.fiocruz.br/biblioteca/_artigos/57.pdf. Acesso em: 10/05/2019.

- SÁNCHEZ, M. G.; TORRANO, D. H. Los beneficios de los programas intergeneracionales desde la perspectiva de los profesionales. **Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria**, v.21, p.213-235, 2013.
- SILVA, C. F. S.; DIAS, C. M. S. B. **Violência contra idosos: características e enfrentamento**. In D.V.S. Falcão, L. F. Araújo & J. S. Pedroso (Orgs.), *Velhices: temas emergentes nos contextos psicossocial e familiar* (pp. 209-228). Campinas, SP/Brasil: Alínea, 2016.
- SILVA, H. S.; JUNQUEIRA, P. G. Reflexões e narrativas (auto)biográficas sobre as relações intergeracionais: resultados de uma intervenção socioeducativa com mulheres idosas. **Psicologia & Sociedade**, v.25, p.3, p.559-570, 2013.
- SOUZA, J. A. V.; FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A. Violência contra os idosos: análise documental. **Revista Brasileira de Enfermagem** (Brasília), v.60, n.3, p.535-540, 2007.
- TIEDT, A. D.; SAITO, Y.; CRIMMINS, E. M. Cross-national research: Depressive Symptoms, Transitions to Widowhood, and Informal Support From Adult Children Among Older Women and Men in Japan. **Research on Aging**, v.38, n.6, p.619-642, 2016.
- TORRES, K. A.; DIAS, C. M. S. B. **A relação entre avós, idosos e netos por meio das novas tecnologias de informação e comunicação**. In L.V.C. Moreira, E. P. Rabinovich & C. M. S. B. Dias (Orgs), *A voz dos avós: família e sociedade* (pp.133-144). Curitiba/PR/Brasil: Ed.CRV, 2017.
- VICENTE, H. T.; SOUSA, L. Redes sociais pessoais das gerações mais velhas: famílias com quatro gerações vivas. **Revista Kairós**, v.15, n.11, p.75-98, 2012. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/12778>. Acesso em: 15/10/2019.
- VIEIRA, R. S. S.; LIMA, M. E. O. Estereótipos sobre os idosos: Dissociação entre crenças pessoais e coletivas. **Temas em Psicologia**, v.23, n.4, p.947-958, 2015.
- ZAPATA LÓPEZ, B. Apoyo social y familiar del adulto mayor del área urbana. Angelópolis, Antioquia 2011. **Revista de Salud Pública = Journal of Public Health**, v.17, n.6, p.848-868, 2015. Recuperado de <http://search.proquest.com/openview/1ff71a82e9922a7419e192f333d6c269/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2035756>. Acesso em: 10/05/2019.